

Fotoclubismo em Manaus: das iniciativas pioneiras nos anos 1990 à efervescência do início dos anos 2000

Photo clubbing in Manaus: from pioneer initiatives in 1990 to the effervescence of the beginning of the years 2000

Fotoclubismo en Manaus: desde las primeras iniciativas en los años 1990 hasta la cumbre del movimiento em los años 2000

Khetllen Da Costa Tavares ¹



Luciane Viana Barros Páscoa ²



¹ Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil, khetlencosta@hotmail.com

² Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil, luciane.pascoa@gmail.com

Resumo

Este estudo investigou a trajetória dos fotoclubes presentes no cenário de produção manauara a partir dos anos 1990, bem como demonstrou a consolidação do fotoclubismo na cidade e identificou os eventos que projetaram tais coletivos no cenário nacional. Para tanto, realizou-se o levantamento bibliográfico, expresso em periódicos, além do uso de entrevistas com os presidentes dos fotoclubes. Ao fim, verificou-se que o movimento clubista foi ampliado com as oficinas do fotógrafo Jacques Menassa em 1994 e consolidado com o foto clube A Escrita da Luz no início dos anos 2000, que desencadeou a criação de mais fotoclubes em Manaus.

Palavras-chave: Fotoclubismo. Fotografia. Manaus.

Abstract

This study investigated the photo clubs trajectory present in the Manauara production scenario from the 1990s, as well as exposed the consolidation of photo clubbing in the city and identified the events that projected such collectives in the national scenario. Therefore, a bibliographical survey was carried out, expressed in periodicals, besides the use of interviews with the presidents of the photo clubs. At the end, it

was verified that the club movement was extended with the workshops of photographer Jacques Menassa in 1994 and consolidated with the photo club A Escrita da Luz in the early 2000s, which triggered the creation of more photo clubs in Manaus.

Keywords: Photo clubbing. Photography. Manaus.

Resumen

Este estudio investigó la trayectoria de fotoclubes presentes en el escenario de la producción manauara desde los años 1990 y expuso la consolidación de fotoclubismo en ciudad e identificó los eventos que promovieron a estos grupos en escenario nacional. Adelante, se realizó la revisión de la literatura disponible en publicaciones periódicas y lo uso de entrevistas con los presidentes de los fotoclubes analizados durante análisis. Al final, se verificó que el movimiento clubista fue extendido con los talleres del fotógrafo Jacques Menassa 1994 y consolidado con el fotoclube “A escrita da Luz” a mediados del año 2000, que desencadenó la creación de más fotocubles en Manaos.

Palabras claves: Fotoclubismo. Fotografía. Manaos.

Introdução

O fotoclubismo nasceu como reação à massificação da produção fotográfica e logo buscou novas abordagens interpretativas da imagem. Avalia-se que o movimento foi difundido internacionalmente na passagem do século XIX para o XX. No Brasil, circulou em algumas capitais: Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, Vitória, Salvador, Aracaju, Fortaleza, Curitiba e Belém (COSTA; SILVA, 2004). Quanto aos clubistas, em termos gerais, eram profissionais de uma situação financeira privilegiada, que podiam se dedicar à prática fotográfica com fins artísticos nas horas vagas, a maioria representada pela classe burguesa.

O fotoclubismo no Brasil apresenta duas fases: a primeira dos anos 1920 até o início de 1930, no Rio de Janeiro, através do Photo Club Brasileiro, e a segunda de 1945 a 1960, com o Foto Cine Clube Bandeirante. Ressalta-se que a primeira sofreu com a falta de apoio da indústria, do poder público e do comércio, o que talvez tenha implicado na consolidação de outras iniciativas naquele período. A segunda fase marcou a transição do centro canônico para São Paulo durante o período pós-guerra, fruto do crescimento

industrial e urbano que a cidade desfrutava e que impulsionou novamente o fotoclubismo com a criação do Foto Cine Clube Bandeirante (COSTA apud FABRIS, 1991).

Contudo, o movimento declinou no final da década de 1960 no país. Para Costa e Silva (2004), as causas foram o fotojornalismo e a fotopublicidade que provocaram grandes mudanças no papel social do fotógrafo. Porém, nos anos 2000, segundo Elias (2007, p. 54), os fotoclubes estavam “vivendo uma expandida fase de renovação e crescimento com o surgimento de vários grupos pelo Brasil associados à Confederação Brasileira de Fotografia”. Dessa maneira, sugere-se que por mais efêmero que seja o gosto da sociedade e a relação que estabelece com a fotografia, ainda assim, o fotoclubismo não se extinguiu e ganhou mais adeptos.

Na contemporaneidade, os fotoclubes visam a difundir o fazer fotográfico na sociedade, assim como reunir pessoas de vários segmentos interessados em fotografia. Além disso, estimulam os membros ao desenvolvimento de uma produção imagética mais consciente, promovendo reuniões semanais, saídas fotográficas, exposições, palestras, oficinas e concursos.

Em Manaus, o fotoclubismo é recente, pois, de acordo com a Confederação Brasileira de Fotografia (CONFOTO), em 2015 a cidade contava com três fotoclubes: Fotoclube Lentes da Amazônia, fundado em 2011, Fotoclube Fotosíntese do Amazonas, fundado em 2013, e Fotoclube Além do Olhar, fundado em 2014. Também existe o Fotoclube A Escrita da Luz (2005), porém, sem registro na Confederação, que se agregou a esta pesquisa pela atuante presença nos últimos dez anos de produção fotográfica local e em virtude de alguns dos seus ex-integrantes terem fundado os fotoclubes oficializados na capital amazonense.

Diante disso, pretende-se apresentar parte da trajetória dos fotoclubes que se destacaram no cenário de produção manauense a partir dos anos 1990. Sendo assim, as investigações iniciaram com o Clube da Fotografia do Chaminé, fundado em 1994, em seguida, com o fotoclube A Escrita da Luz, depois com o Fotoclube Lentes da Amazônia e, por fim, investigou-se o Fotoclube Fotosíntese do Amazonas.

Quanto ao embasamento teórico deste estudo, priorizou-se uma abordagem histórica, por meio de levantamento bibliográfico expresso em periódicos digitais e impressos, sites dos fotoclubes pesquisados, bem como o uso de depoimentos coletados a partir de entrevistas realizadas com os presidentes dos fotoclubes em questão. Assim, objetivou-se apresentar as iniciativas pioneiras que desenvolveram o fotoclubismo em Manaus na década de 1990, além de investigar a ampliação e a consolidação do movi-

mento clubista a partir dos anos 2000 e, finalmente, identificar os eventos e as ações coletivas que aumentaram a visibilidade da produção fotoclubista no cenário nacional ao longo de quase três décadas consecutivas.

Ações pioneiras clubistas em Manaus

As décadas de 1970 e 1980 foram significativas para a organização do movimento fotográfico no país, devido à criação de grupos, associações e coletivos em diferentes Estados. Tal sistematização, de acordo com Fernandes Júnior (2003, p. 159), foi “provocada pela efervescência política e estética do período – e pelo aparecimento de uma nova geração de fotógrafos [...] que trouxeram o impulso e o reconhecimento necessário para atingir a notoriedade internacional”. Na Região Norte, destacou-se a fundação da FotoAtiva¹, em Belém, que ampliou a visibilidade da produção dos fotógrafos concentrados naquela localidade.

Adiante, outro fomento à fotografia nortista foi a realização de *As Mostras Regionais de Fotografia*, idealizadas pela Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), que objetivaram equipar as produções de fotógrafos de diferentes regiões do país, sobretudo aqueles que estavam fora do eixo Rio-São Paulo, hegemônico no circuito artístico nacional. Assim, permitiram o intercâmbio de trabalhos entre as regiões através dos catálogos e do caráter itinerante das exposições. Para tanto, formaram uma comissão de fotógrafos locais que elegeu produções de outros profissionais residentes na região (VASQUEZ, 2016a).

A seguir, em 1987, foi realizada a I FotoNorte que reuniu ensaios de 27 fotógrafos da Região Norte, representada pelos Estados: Amazonas com sete fotógrafos, Acre com um, Roraima com dois e Pará com dezessete, sob a temática “Viver a Amazônia”. A seleção aconteceu mediante os critérios de originalidade, valor estético e qualidade técnica, observados em quatro fotos de cada participante (VASQUEZ, 2016b). Tais dados indicam que a atuação do Pará se sobressai entre os Estados nortistas naquele período.

Diante disso, investigou-se as iniciativas que desenvolveram o fotoclubismo manauense a partir dos anos 1990 a fim de registrar a relevância dessas atividades na ampliação do movimento no âmbito local. Observou-se a revitalização do movimento que, segundo Joaquim Marinho, superintendente da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas (1995-1997), encontrava-se:

Depois de muito tempo em que a arte da fotografia esteve esquecida e que quase ninguém se lembrava de fotografar e registrar momentos de nossa cidade, surge em pleno ano de 93 um movimento liderado pelo fotógrafo Jacques Menassa que revigora e revive o amor por essa arte (MARINHO, 1996).

O movimento apontado por Marinho consistiu na realização de oficinas de fotografia ministradas por Menassa no Centro de Artes Chaminé, edifício construído pelos ingleses em 1910, que passou ao domínio do Estado em 1926, foi tombado como monumento histórico em 1988, entrou no período de restauro e foi inaugurado em 25 de junho de 1993 (PORTAL AMAZÔNIA, 2016). A partir disso, o espaço tornou-se marco cultural na cidade, pois sediava vários eventos, como exposições, oficinas, *workshops* nas áreas de teatro, desenho, gravura, fotografia, entre outros (LEONG apud CENTRO..., n. p.).

Jacques Menassa, natural de Ghosta, no Líbano, interessou-se pela fotografia desde a infância, realizando a primeira exposição individual no ano de 1982. Formou-se em Administração e Ciências Políticas em 1982 e cursou fotografia na Universidade Saint-Esprit do Líbano de 1985 a 1988. Viajou para Manaus pela primeira vez em 1984, com o intuito de visitar os familiares libaneses residentes na capital. Em 1990, mudou-se para a cidade, onde permaneceu até 1998. Nesse período, Menassa tornou-se bastante atuante no cenário local, contudo, a visibilidade da sua produção se ampliou quando ele foi premiado no primeiro concurso organizado pela AMAFOTO em 1993. No ano seguinte, produziu a exposição intitulada *From the Amazon with love*, sediada no Centro de Artes Chaminé, onde realizou oficinas de fotografia. Além disso, o fotógrafo envolveu-se com projetos de incentivo à produção fotográfica em Manaus, por meio da organização de exposições coletivas, salões, concursos fotográficos e participou da II Fotonorte em 1998 (MENASSA, 2016).

Sendo assim, entre 1993 e 1997 o Centro de Artes Chaminé ofereceu oficinas de fotografia ministradas por Jacques Menassa, com as quais objetivava reativar os trabalhos fotográficos em Manaus. Uma apoiadora do projeto foi a empresa Fujifilm do Brasil, que naquela época possuía fábrica na cidade e oferecia parte dos filmes utilizados e o papel fotográfico para revelação das fotos dos estudantes. Tal processo era feito em outro estúdio, pois o Chaminé não possuía um laboratório próprio.

O curso reunia atividades teóricas e práticas. As primeiras aconteciam de segunda a sexta-feira à noite, relacionadas “à história da fotografia, às técnicas para fotografar

Figura 1

BARRONCAS, Darlan. Saída fotográfica. 1994.



Fonte: Acervo de Jacques Menassa.

arquitetura, *portrait*, paisagístico, social, equipamento e o processo de revelação laboratorial” (A CRÍTICA, 1994, p. 4). Quanto à realização de exercícios práticos, aconteciam aos domingos de manhã, por meio de saídas fotográficas em espaços públicos da cidade.

Durante as atividades na rua, os estudantes precisavam exercitar conceitos de composição, nitidez, saturação de cores e criatividade. Para isso, Menassa levava os estudantes à Praça de São Sebastião e ao Teatro Amazonas (Figura 1), pois, na visão do professor, esses eram lugares propícios para execução de tais critérios. Ao fim do curso, realizavam cerca de oito aulas práticas, nas quais os aprendizes percorriam quase todos os pontos turísticos de Manaus, expressos em imagens de arquitetura, monumentos, cenas de rua, cotidiano e retratos (MENASSA, 2017).

Segundo Araújo (1994, p. 5): “A primeira turma teve que ser ampliada de 20 para 70 alunos e desdobrada em dois turnos, e, ao invés de 20 dias, como estava programado, o curso se estendeu por mais de um mês”. Esse fato demonstra o interesse e crescimento pela procura do ensino da fotografia na capital amazonense. Sendo assim, procurou-se entender as singularidades das oficinas. Para tanto, destaca-se o depoimento de Aluysio Sampaio Jr (2016):

O ápice das Oficinas se dava com a conclusão do curso, quando então ocorria a cerimônia de encerramento com a entrega dos certificados, marcando a abertura da mostra coletiva de fotografias no Teatro Chaminé, com a presença de amigos e familiares, cujos trabalhos dos alunos eram expostos, nos mais variados temas, acompanhados dos respectivos portfólios. Não é demais dizer e lembrar que alunos saídos das Oficinas Chaminé foram agraciados com prêmios em concursos de fotografias, tanto em nível local quanto regional.

Figura 2

MENASSA, Jacques. Exposição de Fotografias. 1994.



Fonte: Acervo do artista.

Diante disso, nota-se que o atrativo do processo consistiu na visualização das imagens produzidas e a oportunidade de ingresso dos fotógrafos não atuantes profissionalmente no mercado de trabalho. Durante o tempo de docência do fotógrafo libanês no Chaminé, foram realizadas seis oficinas, das quais participaram cerca de 300 alunos e resultaram em 15 exposições, que comportavam temas variados: feminino, cidade, natureza, entre outros, observados na Figura 2.

Sobre tal período, Menassa (2017) acredita que “foi o primeiro e único curso com duração de dois meses com 60 horas aulas, seguido de exposição coletiva, portfólio que cada participante elaborou, além das saídas fotográficas durante seis horas nas ruas de Manaus”. Desse modo, notou-se que as oficinas desencadearam outras atividades que fortaleceram e ampliaram a prática fotográfica local.

Após a segunda oficina, houve a criação do Clube de Fotografia do Chaminé por Jacques Menassa em fevereiro de 1994, o que contribuiu para o desenvolvimento do

fotoclubismo na capital amazonense. Para tanto, realizou uma reunião aberta aos interessados, como forma de instituir as bases do clube e arrecadar fundos para compra de equipamentos destinados à formação do laboratório fotográfico (A CRÍTICA, 1994b). Além disso, o fotógrafo, por meio do grupo, objetivou realizar saídas fotográficas, formar um banco de imagens do Amazonas, realizar seminários e montar uma biblioteca sobre fotografia (LEONG, 1994).

Quanto às motivações para a extensão das oficinas, concretizada na criação do fotoclube, Jacques Menassa enfatizou a vontade de manter os laços entre os estudantes e o interesse pela fotografia depois de findar as aulas. Sendo assim, o fotógrafo expõe:

Nos encontrávamos para discutir juntos as novidades da fotografia, ver a produção dos participantes, fazer as correções necessárias, olhar juntos o trabalho dos grandes fotógrafos através de revistas especializadas que recebia da França e dos livros que o grupo trazia após as viagens. Dessa forma idealizei a organização de um Clube de fotografia para homenagear o Chaminé, onde tudo começou, por isso dei ao clube o nome de Clube de Fotografia Chaminé (MENASSA, 2017).

Observa-se, então, que as atividades no ambiente clubista estimularam a reflexão fotográfica, bem como o desejo de formar uma rede de criação entre os membros. Por meio disso, Menassa articulou vários eventos em nível local e regional, a exemplo do concurso fotográfico intitulado “Um olhar sobre a Amazônia”, em parceria com a Rede Amazônica e a empresa televisiva Globo, que incluiu a participação de fotógrafos residentes nos Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia e Roraima, cujas fotos foram expostas em um espaço do Amazonas Shopping e depois apresentadas na galeria dos Correios, sediada em Brasília (MENASSA, 2016).

A partir do sucesso dos eventos, Jacques Menassa idealizou expandir a visibilidade da produção fotográfica dos participantes, bem como promover o intercâmbio do público local com as obras de outros fotógrafos recorrentes no circuito nacional. Assim, o fotógrafo articulou vários contatos com instituições promotoras da fotografia no país, entre elas a FUNARTE, representada por Angela Magalhães. De acordo com Menassa (2017): “solicitei para ela que enviasse as exposições que organizou no Rio de Janeiro e em outros Estados para exibir em Manaus. Também prometi a ela enviar os trabalhos dos fotógrafos para que usasse em futuras exposições”. Contudo, o projeto foi prejudicado pela falta de recursos para financiar as despesas envolvidas na execução da exposição.

Além disso, em 1997, com a expansão do acesso à internet, Jacques Menassa disponibilizou o trabalho de 18 fotógrafos oriundos das oficinas no site denominado *Um Olhar Sobre Amazônia*, o que permitiu a visualização das obras pelo mundo. Em 2016, o fotógrafo regressou à capital amazonense, depois de 18 anos distante, para realizar uma exposição individual intitulada *Fragmentos de Lembranças*, na qual expôs parte do acervo fotográfico que construiu sobre a Amazônia. Durante os três meses que passou na cidade, a atuação de Menassa no Chaminé foi lembrada em entrevistas disponíveis em periódicos digitais e impressos (MENASSA, 2017).

Apesar dos projetos idealizados que não se concretizaram, são notáveis as ações de Jacques Menassa na difusão da prática fotográfica e na revitalização de ideais fotoclubistas em Manaus, pois, de acordo com Araújo (1994, p. 5): “Com todo esse esforço, o fotógrafo conseguiu ressuscitar na cidade um movimento de fotografia que era dado como morto há décadas, e se firma como um marco divisório na fotografia baré”.

Fotoclubes em Manaus no início dos anos 2000

Após o regresso de Menassa ao Líbano, as atividades do Clube da Fotografia Chaminé declinaram. Depois desse período, investigou-se quais motivos contribuíram para a retomada do movimento a partir de 2005, quando sobressaíram as atividades do Fotoclube A Escrita da Luz que impulsionaram a criação de fotoclubes credenciados na cidade, a exemplo do Fotoclube Lentes da Amazônia em 2011 e Fotoclube Fotosíntese do Amazonas em 2013. Em vista disso, a seguir apresenta-se o processo de criação, o perfil dos integrantes e os principais eventos realizados por esses fotoclubes.

O processo para a fundação do Fotoclube A Escrita da Luz (AEL) começou em 29 de abril de 2005, durante as comemorações do Dia Mundial da Fotografia Artesanal, conhecido como *Pinhole Day*, por iniciativa dos líderes Alexandre Fonseca e Ione Moreno. O evento aconteceu nas ruas do Centro Histórico de Manaus, onde os participantes fotografavam o patrimônio arquitetônico com câmeras artesanais, feitas a partir de latas de alumínio, caixas de papelão e de fósforos. Depois disso, o projeto era realizado sempre no último domingo de abril (FONSECA apud A ESCRITA..., S/D).

Tal evento desencadeou a criação da oficina de fotografia A Escrita da Luz, destinada a crianças e adolescentes em risco social, utilizando a linguagem fotográfica para estimular a percepção visual desses sujeitos atendidos pelo Centro Integrado de Apoio

à Criança e ao Adolescente (CIACA) e pela extinta Secretaria Municipal de Direitos Humanos (Semdih). De acordo com Ione Moreno, as atividades realizadas com as crianças fomentaram a base do público apreciador da fotografia local, assim como formaram uma massa capacitada à criação e reflexão sobre o fazer fotográfico (MORENO, 2015).

A transição da oficina para a formação do fotoclube aconteceu com a jornada fotográfica “Manaus Bem na Foto”, em comemoração ao aniversário da cidade, que contou com a presença dos fotógrafos Alberto César Araújo, Raphael Alves, dos alunos Willian Cardin e Iago Fonseca, além dos fundadores, Alexandre Fonseca e Ione Moreno. O evento oficializou a criação do AEL como aglutinador de fotógrafos profissionais e amadores, como também promotor coletivo de pesquisa e difusão da fotografia no Amazonas. Quanto ao nome, surgiu do significado da palavra que define o ato fotográfico em latim, *Graphos* (grafia) e *Photon* (Luz), que, unidas, significam: “escrever com a luz” (FONSECA apud A ESCRITA... n. p.).

Salienta-se que os fundadores do AEL participaram de oficinas na FotoAtiva, responsáveis pela realização de várias intervenções urbanas, nas quais instigavam qualquer passante a tornar-se um espectador. Além disso, investiram na formação em fotógrafo-educador-artista de seus membros (ELIAS, 2006). Sobre tal vínculo, Moreno (2015) comenta que:

A FotoAtiva foi de fundamental importância na mudança de olhar. Digo, foi na FotoAtiva que iniciamos nossa vivência na fotografia autoral, social, deslocando o olhar do mero produto comercial. A FotoAtiva nos ensinou a ver a fotografia como arte e nos aprofundar nas pesquisas sobre imagem, luz e tudo que envolve a arte fotográfica.

Tais preceitos foram propagados pelo AEL ao longo das atividades realizadas em Manaus, a exemplo do Fotovaral em que expuseram imagens em lugares públicos estratégicos para instigar a percepção dos transeuntes. Quanto às atividades educativas, os fundadores as iniciaram por meio do ensino da *pinhole* na capital amazonense.

Segundo Moreno (2015), uma das diferenças entre esses dois coletivos consiste no pouco investimento em projetos pessoais a longo prazo por parte dos membros, visto que a maior parte das produções clubistas é estimulada de acordo com o período de premiação em salões, concursos e bienais. Para a difusão do fotoclube no cenário local, os fundadores realizaram com frequência as saídas fotográficas em lugares estratégicos com

objetivo de ganhar mais membros para o fotoclube. Assim, Moreno (2015) relata que: “Mensalmente, escolhemos um roteiro e saímos em jornada fotográfica para esse lugar. Hoje, as jornadas são mais elaboradas, não saímos apenas para fotografar, mas para criar uma relação social com a comunidade escolhida”. Logo, incentivam os membros a desenvolver um olhar crítico ao produzir as imagens, a fim de gerar sentido através das fotos.

O AEL reúne profissionais de diversos segmentos: professores, médicos, cientistas, fotógrafos profissionais. As reuniões são realizadas uma vez por mês, nas quais os clubistas discutem a realização de novos projetos e o estímulo criativo dos membros por meio do estudo de trabalhos de outros fotógrafos presentes em livros, revistas e audiovisuais (MORENO, 2015).

Destaca-se que o objetivo geral do AEL consiste em “criar um vínculo de amor pela cidade através da ação de fotografar suas ruas, monumentos, sua paisagem, seu cotidiano e em especial sua gente” (FONSECA apud A ESCRITA... n. p.). Além disso, visa à difusão fotográfica por meio das jornadas, bem como ao aspecto educacional e cultural, por meio de ações sociais.

Entre as atividades realizadas, enfatizam-se os projetos “Olhares da Amazônia”, que ensinava aos jovens entre 15 e 25 anos a fotografia como profissão, e “Retratos de Tua Vida”, que explicava sobre a produção de álbum de família e fotos 3x4 cm. Tais iniciativas apresentaram aos estudantes o processo fotográfico do artesanal ao digital, os personagens envolvidos na história do dispositivo fotográfico e, sobretudo, estimulavam o indivíduo a multiplicar essa linguagem na comunidade da qual fazia parte (FONSECA apud A ESCRITA...n.p.).

Outros eventos realizados pelo AEL foram: “Photovivência”, em que fotógrafos profissionais contaram sua trajetória na fotografia através de palestras; “Colóquio de Fotografia de Manaus” (2007-2011), que contemplou temas relevantes à produção contemporânea; “Prêmio A Escrita da Luz” (2008-2010), organizado para homenagear os membros e outros profissionais locais que se destacavam; “Maratona Fotográfica de Manaus” (2006-2010), aberta para todo o público interessado em fotografar; “Encontro de Produções Culturais da Fotografia” (2010), em que fotógrafos e produtores da Região Norte debateram sobre políticas públicas e intercâmbios para fotografia nortista (FONSECA apud A ESCRITA..., n. p.).

O AEL priorizou a prática fotográfica baseada no afeto, pois os membros “criam uma relação de confiança com as pessoas retratadas, através da troca de olhares e ges-

tos, o respeito mútuo, o conversar, a descoberta dos sentimentos latentes (FONSECA apud A ESCRITA... n.p., p. 36)”. Nesse processo, a fotografia começa antes da captura da imagem na câmera, pois é a partir do diálogo com os fotografados que o fotógrafo potencializa esse vínculo.

Outra singularidade do AEL foi a não cobrança de mensalidade dos clubistas, diferentemente daqueles credenciados à CONFOTO que necessitavam realizar tal procedimento. Diante disso, esse fotoclube apresentou um modo alternativo de coletividade perante o sistema clubista vigente no país.

Em 2015, A Escrita da Luz completou 10 anos de trajetória que foi marcada pela sua forte atuação em Manaus. Sobre o percurso realizado, Moreno (2015) diz que:

Acreditamos que conseguimos, neste período, não somente promover a fotografia e seus autores, mas incentivar os autores a produzir cada vez mais e com qualidade. Tivemos muitas dificuldades, como todo e qualquer projeto, porém, conseguimos galgar todos os nossos objetivos. Executamos projetos coletivos que nos rendem uma vitrine muito positiva na fotografia nortista. Conseguimos publicar um catálogo com toda nossa trajetória para que esses projetos fossem imortalizados historicamente e acreditamos ter amadurecido prestes a completar 10 anos.

Diante das ações que o AEL fomentou na cidade, nota-se o comprometimento com a difusão da produção fotográfica nortista tanto no âmbito local quanto também no nacional, sobretudo na articulação do coletivo em prol de uma prática reflexiva que contribuiu para a consolidação do fotoclube.

O primeiro fotoclube credenciado em Manaus foi o Lentes da Amazônia (FCLA), fundado em 27 de março de 2011, a partir de um grupo composto por fotógrafos amadores e profissionais que se encontravam para saídas fotográficas pela capital e outros municípios do Amazonas. Com o tempo criaram a comunidade “Fotografia Manaus” na rede social *Facebook* e durante o processo surgiu a vontade de refletir sobre o fazer fotográfico, além de difundir a linguagem no Estado. Assim, o lançamento do FCLA aconteceu na inauguração da exposição “Lentes da Amazônia” realizada pelos próprios membros. O evento sucedeu no dia 1º de novembro de 2011 no espaço Thiago de Mello, pertencente à Livraria Saraiva, localizada em um *shopping center* da Zona Centro-Sul de Manaus. (SANTOS, 2015).

Na época, o presidente Davi Meira explicou que as motivações para a fundação do fotoclube visavam a estender a prática fotográfica para além dos encontros casuais

em grupo. Assim, o FCLA tornou-se o primeiro fotoclube credenciado na CONFOTO, de acordo com Meira apud Santos (2015):

Manaus tem uma forte tradição com os cineclubes, mas sempre se ressentiu da existência de fotoclubes. Temos uma história importante em Manaus ligada à fotografia; temos importantes fotógrafos no Estado, mas, de alguma maneira, o Amazonas sempre se apresentou com poucos representantes, por vezes sem nenhum nas principais bienais de fotografia ou outros eventos no campo fotográfico” [...] Um dos nossos objetivos, portanto, é somar aos movimentos já existentes e fortalecer a projeção da fotografia do Amazonas dentro deste cenário, no Brasil.

O depoimento de Meira ressalta a falta de fotoclubes e a importância de tais iniciativas para o aumento da visibilidade da produção local no cenário nacional. Quanto ao credenciamento, existem várias exigências documentais e artísticas, mas também algumas vantagens para os membros como informações sobre os eventos e concursos em todo o país, além de descontos na impressão de fotos em loja especializada.

Sendo assim, constatou-se que os procedimentos para credenciamento, de acordo com Elias (2007), consistem em estabelecer um estatuto social, depois registrar em cartório, eleger uma diretoria e, também, pode-se cobrar uma taxa anual dos membros para manter as atividades do fotoclube. Além disso, o coletivo e os membros pagam uma contribuição à confederação para participar de eventos e salões clubistas no Brasil e em outros países.

Outro fator está no comprometimento dos membros para a consolidação do fotoclube, pois, de acordo com a diretora de comunicação, Larissa Cruz, a confederação orienta que o clubista tenha certeza da filiação e objetivos em comum com o grupo (SANTOS, 2015). Portanto, tais implicações organizacionais podem contribuir para a falta de credenciamento de outras iniciativas clubistas em Manaus.

Quanto aos objetivos do FCLA, propõe-se a realizar jornadas fotográficas mensais, apoiar e divulgar o desenvolvimento da arte fotográfica, além de propagar os conhecimentos fotográficos aos seus membros e a toda a sociedade, por meio de atividades culturais e educativas tais como cursos, seminários, palestras, exposições, publicações, entre outras atividades, bem como participar e apoiar outras associações que compartilham de objetivos semelhantes (CONFOTO, 2014a).

Em meio aos eventos realizados pelo FCLA, destacou-se a exposição coletiva “Cores” realizada em 4 de setembro de 2013, na qual se apresentou o resultado de es-

tudos desenvolvidos em torno da cor. Segundo o presidente José Zamith Filho, o grupo dedica-se a estudar diversos temas, contudo, devido à competição, o foco foi direcionado para esse tema, representado em comportamentos, paisagens, pessoas (FOTOCLUBE LENTES DA AMAZÔNIA, 2015). Entre os clubistas que participaram estavam José Hilton de Oliveira e Ricardo Kallai Mugnaini, que foram responsáveis por fundar o Fotoclube Além do Olhar e o Fotoclube Fotosíntese do Amazonas, respectivamente.

Algumas dessas imagens foram aceitas na 18ª Bienal de Arte Fotográfica Brasileira em Cores, realizada de 25 a 28 de abril de 2013 em Foz do Iguaçu (PR). Dentre essas obras, uma conquistou o 8º lugar, posição inédita entre os fotoclubes da Região Norte. Na ocasião, o presidente José Zamith Filho declarou que:

Com um pouco mais de um ano de fundação, conseguir ficar entre os dez fotoclubes do Brasil é motivo de muito orgulho não só para o fotoclube, mas para o Estado porque é também o nome do Amazonas que é colocado em evidência [...]. Esses são os primeiros resultados do fruto que estamos plantando juntos, movimentando de verdade o fotoclubismo e a fotografia local (FOTOCLUBE LENTES DA AMAZÔNIA, 2013).

Dessa maneira, notou-se que as premiações conquistadas são compreendidas pelos membros como mecanismos que mensuram o impacto da movimentação fotoclubista no cenário local e a proporção com que reverbera no nacional.

Em agosto de 2012, o FCLA realizou a exposição “P&B” com 34 fotos dos clubistas com as seguintes temáticas: paisagens, retratos e cotidiano amazônico. As imagens apresentadas são resultantes da produção destinada à participação do fotoclube na Bienal Nacional da Fotografia em Preto e Branco (MELO, 2012). Ainda em agosto daquele ano, o fotoclube lançou o Concurso Fotográfico Revivendo os Clássicos, no qual os membros elaboraram releituras de obras de fotógrafos integrantes da história da fotografia. Assim, homenagearam esses fotógrafos ao reinterpretar as fotos, repensaram a prática fotográfica de acordo com conceitos envolvidos na produção da imagem e, por fim, elaboraram algo singular a partir de algo canônico (FOTOCLUBE LENTES DA AMAZÔNIA, 2012). Portanto, observou-se que os estudos coletivos são baseados em diferentes gêneros e temporalidades, mas também que a produção dos membros amplia-se nos períodos das premiações.

O Fotoclube Fotosíntese do Amazonas (FCFA) foi o segundo a optar pelo credenciamento junto à CONFOTO em outubro de 2013. Presidido por Ricardo Kallai, natural de São Paulo, residente em Manaus desde 2008, que se dedica à fotografia e ao fotoclubismo desde 2011. Tal envolvimento veio com a aquisição de uma câmera digital que o levou a procurar um curso de fotografia na cidade, conhecendo assim José Zamith Filho, membro do FCLA que o apresentou ao grupo “Fotografia Manaus”, administrado pelo FCLA e disponível na rede social *Facebook*. Adiante, com a participação constante de Kallai no grupo, surgiu o convite para entrar no FCLA. Sobre o percurso, afirma que:

Para mim foi uma honra ser chamado para um fotoclube, porém lá dentro eu percebi que as coisas não são assim, que existe briga entre fotoclubes, pois o fotógrafo é um artista e qualquer artista tem ego inflado; o ego do fotógrafo não é só inflado, mas inflamado. Porque se você falar para um fotógrafo que a fotografia do profissional B é melhor que a dele, você perde amizade (KALLAI, 2016).

A disputa entre egos no fotoclubismo é inerente ao ambiente desde os primórdios do movimento e tal aspecto prejudicou a permanência de Kallai, que posteriormente conheceu o Fotoclube A Escrita da Luz e, conseqüentemente, os idealizadores Alexandre Fonseca e Ione Moreno. Assim, o fotógrafo saiu do FCLA e em seguida fundou o FCFA, mas continuou participando de eventos do AEL, o que propiciou uma parceria entre os dois fotoclubes, expressa no fortalecimento das ações do movimento em Manaus por um determinado período.

Quanto ao nome do fotoclube, o presidente explicou que surgiu de uma brincadeira entre amigos sobre nomes de eventos destinados à fotografia em que comentavam: “Vamos fazer fotocafé, fotovivência, deitamos no chão e fazemos fotossíntese também [...] Fotossíntese tem a ver com a fotografia, além disso, estamos em uma floresta” (KALLAI, 2016). Desse modo, articularam um mecanismo primário da técnica fotográfica, que é a luz, associada à singularidade da localização geográfica à qual o fotoclube pertencia.

O FCFA visa a promover a fotografia na região através da parceria com grandes empresas de Manaus e interior do Estado, pois, segundo Kallai (2016): “Fotoclube é um grande grupo de fotógrafos pensando junto para desenvolver a cultura de uma região. Consiste em desenvolver o indivíduo como um todo”. Sendo assim, tais iniciativas depen-

dem do empenho coletivo para frutificarem, todavia, existe a dificuldade de mobilizar os clubistas para esse fim, visto que o interesse primário ainda é o aprimoramento técnico.

Dessa maneira, o presidente relatou que a principal motivação para a entrada em um fotoclube deveria ser a relação de reciprocidade entre o que o fotoclube oferece e o que o membro pode oferecer para o crescimento do clube (KALLAI, 2016). Portanto, priorizar tal comprometimento para ampliação da fotografia na cidade ainda é algo almejado pelos fotoclubes em Manaus.

Quanto às reuniões do FCFA, aconteciam duas vezes por semana: na quinta-feira, para discussão sobre a fotografia dos membros, e nos sábados, para a realização dos eventos. Segundo Kallai (2016): “Objetivo da reunião era desenvolver nossa fotografia para participar de algo, então, dentro de um planejamento, visa-se a apresentação em concurso e a classificação dos fotógrafos participantes”. Com isso, realizaram o processo de seleção de forma estratégica, pois o grupo escolhia as fotos de acordo com o perfil dos jurados e a qualidade técnica das fotos. Além disso, produziam palestras e *workshops* de variados temas.

Entre os eventos promovidos pelo FCFA, destaca-se a parceria do fotoclube com a Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA) por meio da exposição “47 anos Suframa é coisa nossa”, realizada em comemoração ao tempo de funcionamento da instituição, durante o período de 28 de fevereiro de 1967 a 31 de março de 2014, que reuniu 94 obras, das quais 47 eram de membros clubistas (FOTOCLUBE FOTOSÍNTESE, 2015).

Somado ao evento comemorativo, foi lançado pelo FCFA o concurso de fotografia “Imagens Amazônicas”, aberto aos servidores e colaboradores da SUFRAMA. Adiante, o júri formado pelo fotoclube elegeu outras 47 imagens que compuseram a exposição, as quais foram premiadas ao final da 266ª reunião ordinária do Conselho de Administração da Suframa (BLOG DA INDÚSTRIA AM, 2015).

O FCFA também realizou o “Concurso Amazonense de Fotografia P&B”, aberto para todo o Brasil em agosto de 2014. Um dos objetivos do evento consistiu em aumentar a visibilidade da produção de fotógrafos iniciantes em Manaus, pois, acordo com Kallai (2016), tais iniciativas agem como facilitadoras no processo de visibilidade dos trabalhos locais. Ao fim, foram selecionadas pelo júri 100 fotos, premiadas no dia 30 de agosto daquele ano.

O fotoclubismo de Manaus no cenário nacional

Os fotoclubes realizam muitos eventos, conforme apresentado no item anterior. Sendo assim, acredita-se que essas atividades contribuíram não apenas para a visibilidade da produção fotográfica local, mas também para o intercâmbio entre profissionais de diversos lugares. Diante disso, investigou-se quais eventos destacaram-se na promoção do fotoclubismo em Manaus na contemporaneidade e logo identificou-se a importância da “II Fotonorte”, do festival “Manaus Bem na Foto” e da XXVII Bienal de Arte Fotográfica Brasileira em Preto e Branco.

A participação do fotoclubismo manauara na “II Fotonorte” iniciou-se a partir do contato de Jacques Menassa com Angela Magalhães, dirigente do projeto realizado em 1998, intitulado “Amazônia, um olhar sem fronteiras”, que abrangeu a produção fotográfica de países que integram a Amazônia Legal. Assim, Magalhães solicitou a Menassa que, além do envio de sua produção, também selecionasse algumas fotografias de profissionais locais e remetesse para a comissão organizadora por meio do correio. Diante disso, o fotógrafo em uma semana escolheu os trabalhos de alguns membros do Clube da Fotografia Chaminé para o projeto, e os selecionados foram: Aluysio Sampaio, Darlan Barroncas, Luis Silva, Maria Zadorosny, Mario Muneymne, Neide Silva, Raimundo Pinheiro (MENASSA, 2017).

O projeto resultou em um livro com as fotos dos participantes e a realização de exposições que percorreram vários Estados do Brasil. Sobre o processo, Menassa (2017) destacou que:

Eu gostaria de observar que a contracapa deste livro foi de Neide Silva, fotógrafa amazonense que participou das oficinas de fotografias no Chaminé. A experiência foi muito interessante, porque eu tive a honra de selecionar o trabalho de vários fotógrafos para serem usados neste projeto. Se tivesse mais tempo, teria selecionado mais fotógrafos, com trabalhos excelentes.

Entre as vantagens do projeto, salienta-se a divulgação do trabalho dos fotógrafos locais em todo o Brasil e nos países pelos quais percorreram as obras. Ressalta-se que apesar de o evento não ser destinado exclusivamente ao âmbito clubista, a participação de alguns membros representou o desenvolvimento dessas ações em Manaus, bem como proporcionou mais oportunidades de emprego para os profissionais oriundos da região naquele período.

No início dos anos 2000, ocorreu outro evento fotográfico de destaque, o festival “Manaus Bem na Foto” que contou com duas edições, a primeira realizada de 16 a 24 de outubro em 2010 e a segunda de 14 a 24 de outubro em 2011. O projeto mobilizou grande parte dos profissionais e interessados em fotografia na cidade. Acerca desse período, Moreno (2015) afirma:

O Festival foi o ápice do projeto. Foi nele que conseguimos ultrapassar fronteiras e reunir em dois anos, 2010 e 2011, mais de 40 exposições, fotógrafos locais e nacionais. A criação da Rede Amazônia de Fotografia foi criada dentro do Movimento Brasileiro de Fotografia. O festival foi até hoje o maior evento fotográfico do Norte do país e colocou o Amazonas na galeria dos grandes festivais nacionais de fotografia.

O evento também disponibilizou palestras, workshops e oficinas que movimentaram a cidade durante os dias de programação. Também se discutiu durante as atividades sobre as diretrizes à promoção e intercâmbio para a fotografia da Região Norte do país. Entre os participantes, estavam: Alexandre Sequeira (PA), Rodrigo Braga (RJ), Guy Veloso (PA), Odair Leal (AC), Márcio Vasconcelos (MA), Wank Carmo (RR), Carlos Navarro (AM), Raphael Alves (AM) e Ricardo Oliveira (AM), que apresentaram exposições e palestras (FONSECA IN A ESCRITA..., n. p.).

Para compreender o efeito do festival a partir da perspectiva dos participantes foram ouvidos os fotógrafos Carlos Navarro e Raphael Alves, presentes nas duas edições do evento. Assim, iniciou-se com Alves, envolvido com a criação do AEL, declarando que:

O colóquio, os seminários, as palestras aconteceram dentro do festival, foi uma coisa riquíssima. [...] Então, ao conhecer profissionais de outras áreas, você passa a conviver e ver mais de perto a vida de um fotógrafo de casamento, um de publicidade, um artista visual que tem uma câmera, mas a usa apenas como meio de sua produção, pois o fim dele não é só a fotografia. Assim, o que eu tenho de sentimento pelo festival Manaus Bem na Foto foi esse encontro de diferentes pessoas de outros Estados (ALVES, 2016).

A partir do depoimento de Raphael Alves, observa-se a pluralidade dos trabalhos apresentados, entre eles o do artista visual que usa a fotografia com meio para seu discurso poético, diferentemente do clubista que prioriza os aspectos técnicos da linguagem.

Outro aspecto destacado pelos participantes foi o intercâmbio que o festival proporcionou aos fotógrafos locais, a exemplo de Navarro (2015) que expõe: “Houve essas vantagens que vieram fotógrafos renomados com experiência grandíssima: Alexandre Sequeira, Miguel Chikaoka e outras pessoas. Assim, compartilhamos com eles os conhecimentos, logo, foi muito bom para nós”. Sendo assim, analisa-se que o festival permanece na memória dos fotógrafos devido à troca de experiências, que permite traçar um panorama da produção fotográfica nortista.

Também houve outras ressonâncias do evento. Segundo Alves (2016), muitos participantes que fotografavam, porém não desenvolviam a atividade com fins lucrativos, passaram a viver da fotografia como profissão após o evento. Além disso, o fotógrafo enfatiza o efeito multiplicador do “Festival Manaus Bem na Foto”:

Quando as pessoas viram no jornal o Festival Manaus Bem na Foto, quem não conhecia A Escrita da Luz, conheceu, participou do evento e depois ingressou no fotoclube, até o ponto que decidiram fundar o próprio clube [...] pois como não tinha mais aquelas saídas fotográficas, talvez tenham criado por uma saudade [...] assim, se essas pessoas hoje procuram os grupos e sabem onde procurar, é porque um dia existiu A Escrita da Luz e o Manaus Bem na Foto (ALVES, 2016).

Dessa forma, entende-se que as atividades desenvolvidas pelo AEL, evidenciadas com o festival “Manaus Bem na Foto”, conquistaram mais membros, os quais posteriormente integraram-se a outros fotoclubes, aspecto que fortaleceu e ampliou o movimento fotoclubista e a produção fotográfica coletiva na capital amazonense.

O início da década de 2010 foi marcado pela criação dos fotoclubes credenciados na cidade. Diante disso, outro evento consolidou a presença do fotoclubismo manauense perante o movimento nacional: a XXVII Bienal de Arte Fotográfica Brasileira em Preto e Branco (Figura 3), realizada durante os dias 29 a 31 de agosto de 2014 pelo fotoclube FCFA que trouxe pela primeira vez o evento para o Norte do país. Logo, clubistas de todo o Brasil puderam participar de atividades como palestras, oficinas e *workshops* sobre o uso de câmeras analógicas, revelação de filmes, fotos em estúdios, entre outras, todas oferecidas gratuitamente.

De acordo com o presidente Ricardo Kallai, o processo foi difícil, pois exigia muita dedicação, planejamento, além do apoio financeiro de órgãos públicos e privados para custear as despesas da bienal. Sobre tal processo, o fotógrafo afirmou que:

Figura 3

Bienal de Arte Fotográfica Brasileira em Preto e Branco. 2014. 1 fotografia, color. Formato JPEG.



Fonte: <http://www.confoto.art.br/fotografia/fotoclubes/amazonas/item/43-fotoclube-fotos%C3%ADntese-do-amazonas.html>. Acesso: 02 dez. 2015.

No início a intenção era realizar uma Bienal Natureza, pois existem três níveis de Bienal: Preto e Branco, Cor e Natureza. Meu objetivo era a Bienal Natureza, primeiramente estávamos em Manaus; segundo, nós éramos um fotoclube que estava nascendo; e, terceiro, o peso da Bienal Natureza é muito diferente do peso da Bienal Preto e Branco, ou Cor. Porém, aconteceu que, em dado momento, o Barbosa ofereceu a Bienal Preto e Branco, que é a mais cobiçada, logo aceitei o projeto de realizar a primeira Bienal Preto e Branco em Manaus (KALLAI, 2016).

Ocorreram embates da comissão organizadora com os membros do fotoclube e as instituições financiadoras, como Secretaria do Estado de Cultura (SEC) e Manaus-cult. Dessa maneira, o presidente necessitou utilizar parte de recursos próprios para prosseguir com os preparativos do evento. Além disso, existiu o acompanhamento por parte da CONFOTO que assegurou o apoio administrativo ao fotoclube organizador, como indicação dos jurados, fiscalização dos padrões e qualidade na execução do projeto (KALLAI, 2016).

Apesar dos percalços, a bienal foi realizada com sucesso, pois contou com a presença de fotoclubes de vários lugares do país, que tiveram as fotos selecionadas e algu-

mas premiadas com troféus e medalhas confeccionadas a partir de materiais oriundos da biodiversidade da região (KALLAI, 2016). Assim, em meio às dificuldades enfrentadas pelo presidente para a realização do evento, notou-se o comprometimento do fotoclube em trazer algo até aquele período inédito na Região Norte.

Ao fim, Ricardo Kallai ressaltou a importância de maior periodicidade de eventos destinados à fotografia em Manaus com abrangência nacional, pois, segundo Kallai (2016): “Hoje, se alguém pesquisar sobre a Bienal, vai aparecer nosso nome como executor e como terceiro lugar. Então, de alguma forma, nós escrevemos algo na história”. Diante disso, visualiza-se que apesar da efemeridade dos fotoclubes, que muitas vezes não se sustentam por um longo período, a atuação de alguns deles teve impacto ao mobilizar a fotografia clubista em Manaus.

Aspecto visto nos resultados da Bienal, em que o fotoclubismo manauara alcançou resultados extraordinários, pois o Fotoclube Fotosíntese do Amazonas foi o terceiro a ter mais fotos aceitas no evento, contabilizando 18 fotos. Para Kallai (2016): “Com menos de um ano conseguimos terceira colocação, para nós foi espetacular [...] ganhamos de fotoclubes que são clássicos, que têm 100 a 200 fotógrafos [...] com 40 conseguimos mais que os outros”. Outra surpresa foi o Fotoclube Além do Olhar, fundado em maio daquele ano, que alcançou o sexto lugar na premiação, com oito fotos aceitas. Por fim, o ápice veio com a menção honrosa conquistada por Beatrice Leong, membro do Fotoclube Lentes da Amazônia, colocação inédita para o fotoclubismo nortista. Tal fato influenciou a visibilidade da produção do movimento manauense ao projetá-la no cenário nacional.

Considerações finais

Nesta pesquisa, foram visualizadas algumas ações pioneiras do clube de fotografia liderado por Jacques Menassa no início dos anos 1990 e, posteriormente, a forte atuação do AEL na primeira década dos anos 2000, que propiciou um ambiente fecundo para formação de mais fotoclubes na capital amazonense.

Menassa fomentou a visibilidade da fotografia produzida na capital amazonense no circuito nacional, ao articular a remessa de fotografias de clubistas que integraram a exposição da “II Fotonorte – Amazônia, um olhar sem fronteiras”, de caráter itinerante pelo Brasil e que resultou na publicação do livro homônimo. Isso foi uma contribuição para a história da fotografia em Manaus, pois apresenta um breve pano-

rama de profissionais atuantes naquele período. Em 1997, com a expansão do acesso à internet, o fotógrafo libanês disponibilizou o trabalho dos clubistas no site *Um Olhar Sobre Amazônia*, possibilitando a expansão dos limites da territorialidade ao permitir ao mundo o acesso àquelas produções.

Um ponto comum nas iniciativas clubistas em Manaus é o processo de aprendizagem fotográfico que perpassa pelo espaço urbano. A proposta de **Menassa para a ampliação do** ensino e da prática fotográfica na capital amazonense nos anos 1990, através das aulas e saídas fotográficas realizadas nas ruas da cidade, resultou em exposição coletiva e elaboração de portfólio do participante ao fim do curso. As oficinas de *pinhole* do AEL destinadas ao público infanto-juvenil, que aconteciam em praças da capital, propiciaram o contato com a linguagem fotográfica e impulsionaram seus membros ao exercício da educação pela fotografia. Desse modo, o fotógrafo libanês cooperou para a formação de um novo pensamento a respeito da arte de fotografar, o qual reverberou no cenário de produção local. Também se notou o desejo de expandir as fronteiras da exposição em lugares institucionalizados para aproximar outros públicos das ações fotoclubistas, a exemplo dos transeuntes que podiam observar as imagens nos fotovarais no centro da cidade. O deslocamento possibilitava um lugar de conversa entre os fotógrafos expositores e os passantes.

Determinadas práticas clubistas ativaram o exercício de uma fotografia baseada na relação de afeto com a comunidade, a exemplo das ações do AEL, que estimulavam essa aproximação com o contexto de vida dos fotografados, isto é, convidavam os membros do fotoclube a construir uma fotografia integrada à realidade social que se aproximava dos problemas enfrentados em tal comunidade, tanto no meio urbano da capital quanto nas regiões ribeirinhas. O AEL também se caracterizou pelas ações sociais que atendiam comunidades ribeirinhas e moradores de bairros periféricos em situação de risco social em Manaus. Portanto, utilizou a fotografia como ferramenta de transformação social, uma perspectiva que foi compartilhada por outros fotoclubes da cidade.

Com a atuação do AEL ao longo de 10 anos, identificou-se que a produção clubista cresceu e firmou-se na cidade a ponto de impulsionar o surgimento de três novos fotoclubes que optaram pela oficialização junto à CONFOTO. O Fotoclube Lentes da Amazônia, primeiro credenciado, alcançou o primeiro resultado inédito para o clubismo da região, ao alcançar o 8º lugar com uma das imagens aceitas na 18ª Bienal de Arte Fotográfica Brasileira em Cores, em 2013, e no ano seguinte a menção honrosa na

XXVII Bienal de Arte Fotográfica Brasileira em Preto e Branco, realizada pelo Fotoclube Fotosíntese do Amazonas, que trouxe pela primeira vez o evento a Manaus.

O desempenho desses fotoclubes veio da produtividade de ações junto aos membros e a realização de eventos de amplitude nacional, nos quais se exibiu a pluralidade de projetos, a reflexão sobre linguagem fotográfica na sociedade amazonense através de colóquios e seminários, além da agitação cultural que experimentou o público amazonense naquele período. Embora ao longo das últimas três décadas o movimento clubista apresente desdobramentos significativos, o desafio consiste em manter a periodicidade das atividades, a mobilização coletiva em prol dos festivais e das saídas fotográficas, pois se acredita que elas incentivam a permanência dos membros junto aos fotoclubes, assim como fortalecem os preceitos clubistas no cenário artístico local.

Dessa forma, considera-se que muitos fotoclubes surgem e findam muitas vezes sem registro, devido à falta do apoio coletivo ou até por questões financeiras. Sendo assim, considera-se que a consolidação do fotoclubismo em Manaus necessita do envolvimento de todos os segmentos nesse processo.

Por fim, ressalta-se a existência de elementos particulares da história da fotografia em Manaus, que permanecem no campo da oralidade. Dessa forma, não se descarta a existência de outras iniciativas clubistas durante o período pesquisado, porém, sem registros em periódicos locais, o que indica a necessidade da continuidade de estudos sobre o tema na capital amazonense.

Notas

1. FotoAtiva, fundada em 1984 por Miguel Chikaoka, em Belém, propiciada pela abertura política do país, que saía do período de intensa ditadura. Depois de mais de 30 anos de atuação, a associação consolidou-se entre as mais atuantes e criativas na Região Amazônica. Dos vários fotógrafos que participaram da FotoAtiva, muitos ainda mantêm os laços estabelecidos ali (FO-TOATIVA, 2016).

Referências

A ESCRITA DA LUZ: Grupo de fotografia de Manaus. FONSECA, Alexandre. coord. MORENO, Ione. Manaus: edição dos autores. S.D.

ALVES, Raphael. *Processo Criativo*. Manaus, 16 fev. 2016. Registro para pesquisa: Fotografia e processos criativos: três poéticas contemporâneas em Manaus. Entrevista concedida ao autor.

ARAÚJO, Alberto. Fotografias de Menassa mostram um coquetel regional. *Amazonas em Tempo*. Manaus 29 abril 1994. p. 5.

BLOG DA INDÚSTRIA AM. 47 anos Suframa é coisa nossa. Disponível em: <http://www.blogdaindustriaam.com.br/?u=47-anos-suframa-e-coisa-nossa>. Acesso em: 08 ago. 2015.

CENTRO de Arte monta Clube de Fotografia. *A crítica*. Manaus, 8 fev. 1994b. p. D1.

COSTA, Helouise. Pictorialismo e imprensa: o caso da revista O Cruzeiro (1928-1932). In: Fabris Annateresa (org.) *Fotografia: uso e funções no século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.p. 261-292.

COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. *A fotografia moderna no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

CONFOTO. Fotoclube Lentes da Amazônia. Disponível em: <http://www.confoto.art.br/fotografia/fotoclubes/amazonas/item/26-fotoclube-lentes-da-ama-z%C3%B4nia.html>. Acesso em: 06 jun.2014a

CONFOTO. Fotoclubes Amazonas. Disponível em: <http://www.confoto.art.br/fotografia/fotoclubes/amazonas/item/43-fotoclube-fotos%C3%ADntese-do-amazonas.html>. Acesso em: 17 abr. 2014b

CONFOTO. Fotoclube além do olhar. Disponível em: <http://www.confoto.art.br/fotografia/fotoclubes/amazonas/item/51-fotoclube-al%C3%A9m-do-olhar.html>. Acesso em: 19 set. 2014c

CONFOTO. XXVIII Bienal de arte fotográfica brasileira em preto e branco. Disponível em: <http://confoto.art.br/fotografia/xxviii-bienal-de-arte-fotografica-bra>

[sileira-em-preto-e-branco.html](#). Acesso em: 05 jul. 2015d.

CONFOTO. XXVIII Bienal de arte fotográfica brasileira em preto e branco. Disponível em: <http://confoto.art.br/fotografia/xxviii-bienal-de-arte-fotografica-brasileira-em-preto-e-branco/150-liberdade-de-criacao.html>. Acesso em: 05 jul. 2015e.

ELIAS, Érico. Fotografia brasileira cresce na onda de novos fotoclubes. *Fotografe melhor*, São Paulo, p. 54-60, mar. 2007.

ELIAS, Érico. A fotografia como instrumento para transformação. *Fotografe melhor*. São Paulo, ano 10, n. 117, p. 38-44, jun. 2006.

FERNANDES JUNIOR, Rubens. *Labirinto e identidades: panorama da fotografia no Brasil (1946-98)*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

FOTOATIVA. *Breve histórico FotoAtiva 1982 – 2005*. Disponível em: http://www.fotoativa.org.br/?page_id=651. Acesso em: 07 mar. 2016.

FOTOCLUBE LENTES DA AMAZÔNIA. 2012. Disponível em: <http://www.lentesdaamazonia.com.br/blog/recriao-de-foto-de-eddie-adams-ganha-concurso-revivendo-os-clssicos>. Acesso em: 12 ago. 2015.

FOTOCLUBE LENTES DA AMAZÔNIA Recriação de foto de Eddie Adams ganha concurso Revivendo os clássicos. Disponível em: <http://www.lentesdaamazonia.com.br/blog/recriao-de-foto-de-eddie-adams-ganha-concurso-revivendo-os-clas-sicos>. Acesso em: 12 ago. 2015

FOTOCLUBE LENTES DA AMAZÔNIA. 2013. Fotoclube Lentes da Amazônia fica entre os 10 melhores na Bienal Cor Disponível em: <http://www.lentesdaamazonia.com.br/blog/april-28th-2013>. Acesso em: 5 nov. 2015.

FOTOCLUBE LENTES DA AMAZÔNIA. Fotoclube Lentes da Amazônia inaugura exposição “Cores”. Disponível em: <http://www.lentesdaamazonia.com.br/blog/fotoclube-lentes-da-amaznia-inaugura-exposio-cores>. Acesso em: 15 ago. 2015

FOTOCLUBE FOTOSINTESE. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/FotoclubeFotoSintese>. Acesso em: 24 abr. 2015.

FOTÓGRAFO dá curso com autocrítica. *A crítica*. Manaus, 7 jan.1994a, p.4.

G1. Concurso de fotografia no AM premia melhores imagens em preto e branco. Disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2014/07/concurso-de-fotografia-no-am-premia-melhores-imagens-em-preto-e-branco.html>. Acesso em: 20 ago. 2015.

KALLAI, Ricardo. *Fotoclube Fotosíntese do Amazonas*. Manaus, 22 mar. 2016. Registro para pesquisa: Fotografia e processos criativos: três poéticas contemporâneas em Manaus. Entrevista concedida a autor.

LEONG, Leyla. Fotografia ganha espaço com oficina e exposição. *A crítica*. Manaus, 17 mar. 1994. p, D1.

MARINHO, Joaquim. Depoimento manuscrito José Marinho. Manaus, 1996.

MELO, Tiago de. Exposição fotográfica em Manaus. Disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/08/fotoclube-lentes-da-amazonia-lanca-exposicao-fotografica-em-manaus.html>. Acesso em: 12 ago. 2015.

MENASSA, Jacques. Depoimento manuscrito Jacques Menassa. Líbano, 2016. (Depoimento concedido ao autor).

_____. Depoimento manuscrito Jacques Menassa. Líbano, 2017. (Depoimento concedido ao autor).

MORENO, Ione. Depoimento manuscrito de Ione Moreno. Manaus, 18 nov. 2015. (Depoimento concedido ao autor).

NAVARRO, Carlos. *Processo Criativo*. Manaus, 14 maio. 2015c. Registro para pesquisa:

Fotografia e processos criativos: três poéticas contemporâneas em Manaus. Entrevista concedida ao autor.

SAMPAIO, Aluysio. Depoimento manuscrito Aluysio Sampaio. Rio de Janeiro, 2016.

SANTOS, Marcos. Manaus ganha Fotoclube Lentes da Amazônia. Disponível em: <http://www.portaldomarcossantos.com.br/2011/10/31/manaus-ganha-fotoclube-lentes-da-amazonia/>. Acesso em: 03 maio 2015

PORTAL AMAZÔNIA. Amazônia de A a Z. <http://www.portalamazonia.com.br/secao/amazoniadeaz/interna.php?id=194>. Acesso em: 24 fev. 2016.

VASQUEZ, Pedro. As Mostras Regionais de Fotografia da Funarte. In: FUNARTE. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/info-to/as-mostras-regionais-de-fotografia-da-funarte/>. Acesso em: 13 mar. 2016a.

VASQUEZ, Pedro. FotoNorte – 1987. In: FUNARTE. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/infoto/fotonorte-1987/>. Acesso em: 13 mar. 2016b.

Recebido em: 22/11/2017

Aceito em: 06/06/2019

Publicado em: 25/07/2019